

FATORES DETERMINANTES NO ENSINO- APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL IRMÃ CRISTINE-MODALIDADE EJA

Naiara da Silva e Silva ¹
Carmen Lourdes Freitas dos Santos Jacaúna.²

Resumo

A pesquisa foi idealizada a partir de observações realizadas durante o desenvolvimento do Estágio Supervisionado I, realizado na Escola Municipal Irmã Cristine. Esta escola está localizada em um bairro da Cidade de Parintins-AM, que teve como origem um processo de ocupação. A referida escola, a fim de suprir a necessidade e oportunizar os habitantes de seu entorno (que não tiveram oportunidade de ingressar em uma escola em tempo hábil), disponibiliza no turno noturno um ensino que venha atender jovens e adultos interessados em concluir seus estudos. Mediante observações, constatou-se que muitos estudantes matriculam-se no curso, porém não conseguem concluí-lo. Ao analisarmos o índice de aproveitamento na disciplina Geografia, constatou-se que o aproveitamento é baixo, comprometendo o rendimento dos estudantes no referido curso. A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino cujo objetivo é permitir que pessoas fora da idade escolar convencional, que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola, possam retomar seus estudos e recuperar o tempo perdido. Em função desta situação, desenvolvemos um projeto com o objetivo de verificar o nível de aprendizagem adquirida pelos alunos quanto ao ensino de Geografia na modalidade de ensino EJA e ao mesmo tempo entender os fatores responsáveis pelo desinteresse ou desistência dos alunos nessa modalidade de ensino. A pesquisa de cunho qualitativo desenvolveu-se a partir da observação direta e participativa, e norteou-se pelos aportes do método dialético. As análises apontam para a necessidade de uma reflexão a cerca da natureza e das reais necessidades dessa modalidade de ensino, sem, contudo perder de vista as reais condições dos alunos dessa escola. Acreditamos que esse trabalho seja colaborativo, e mesmo diante dos obstáculos presentes no dia a dia do professor de escola pública que trabalha com a EJA, mostrando que fazer diferente é possível, desde que permeado pela compreensão do que se pretende atingir, levando em consideração os alunos, principais atores desse processo.

Palavras chave: EJA, Ensino de Geografia, aluno trabalhador

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA E-mail: naiara.pin@hotmail.com

²Orientadora Professora MSc. do CESP/UEA.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Constituição Federal nº 9394/96 em seu Art. 6º, a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados são direitos sociais que precisam ser garantidos a todos os brasileiros. O Art. 205 determina que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Mediante o que é assegurado pela Constituição Federal, apresentamos neste trabalho o resultado de uma pesquisa realizada junto os alunos da “Escola Municipal Irmã Cristine” que desenvolve a modalidade de ensino da EJA- Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa teve como objetivo verificar o nível de aprendizagem adquirida pelos alunos quanto ao ensino de Geografia na modalidade de ensino EJA, ao mesmo tempo e identificar os fatores que contribuem para o desinteresse e evasão dos alunos antes mesmo de conhecerem as reais possibilidades de aprovação.

Para uma pessoa adulta que retoma seus estudos, o desejo de se preparar para o trabalho é maior, para ter autonomia e ter êxito profissionalmente. A abordagem metodológica nessa modalidade de ensino deve ser desenvolvida de acordo com a faixa etária dos estudantes, havendo a necessidade de abordar conteúdos equivalentes ao do ensino convencional, mas com uma linguagem adulta que vá ao encontro daquilo que esse público deseja.

Esses alunos que entram na escola tardiamente têm seus direitos garantidos, pois a Educação é direito público subjetivo, e isso quer dizer que o acesso ao ensino fundamental é obrigatório e gratuito e o não oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público (Federal, Estadual, Municipal), importa responsabilidade das autoridades competentes.

A temática proposta nesse trabalho teve sua escolha assentada também na necessidade de evidenciar a responsabilidade que os próprios alunos têm quanto à continuidade de seus estudos, visto que ausências frequentes as aulas contribuem com a não assimilação dos

conteúdos contidos na proposta curricular comprometendo o desempenho dos mesmos nas séries seguintes.

A experiência que tivemos no Estágio Supervisionado I na Escola Municipal Irmã Cristine, nos possibilitou o contato com essa modalidade de ensino necessária para atender as necessidades de pessoas que por motivos diversos não frequentara a escola para cursar e educação básica em tempo normal. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96, a Educação Básica compreende a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. As suas modalidades são: educação especial, educação profissional, educação indígena, educação do campo e a educação de jovens e adultos, nosso foco na pesquisa.

Para o desenvolvimento da pesquisa, seguimos 4 etapas assim apresentadas:

- 1- Busca por referencial teórico em Guidelli (1996), Freire (2001), Gadotti (2003), Cavalcante (2012), para embasar a pesquisa, incluindo um estudo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96.
- 2- Acompanhamento das atividades desenvolvidas na Escola Municipal Irmã Cristine com o professor de Geografia e 30 alunos da modalidade de ensino EJA (segundo segmento), no turno noturno.
- 3- Entrevista com alunos e professores a fim de investigar as dificuldades enfrentadas nesse curso que interferem no ensino de Geografia e possíveis sugestões para o seu bom êxito.
- 4- Análise e interpretação dos dados coletado.

Diante do trabalho desenvolvido, ressaltamos que a pesquisa não tem o objetivo de propor mudanças na metodologia usada pelo professor, mas sim mostrar os fatores que estão interferindo na aprendizagem dos estudantes e ao mesmo tempo sugerir atividades de complementação dos meios usados por eles, direcionada a dinâmicas que desperte o interesse dos alunos. Em suma, a pesquisa apontou que o importante é que repensemos nosso conceito de educação para jovens e adultos, pois essas pessoas têm vontade de aprender, só que de uma maneira mais ampla, característica de quem já tem experiência de vida, que necessita bem mais que a própria escrita e leitura convencional, eles necessitam acima de tudo ter as condições impostas pela problemática do dia-a-dia e estar plenamente exercendo a cidadania propiciada pela educação almejada por eles.

1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM RESGATE AO DIREITO DE INGRESSAR NA ESCOLA.

A EJA (Educação de Jovens e Adultos) vem para amenizar os erros cometidos no passado onde a educação era privilegio das classes dominantes e obrigava as pessoas a trabalhar e deixar de lado seus estudos para entrar no mercado de trabalho onde estes não exigiam muita qualificação, porém não eram bem remunerados. O Brasil já deu um grande passo nas questões que se referem à alfabetização de jovens e adultos, aqueles que ficaram fora da escola por motivos como trabalho precoce, falta de escolas ou desinteresse dos pais. Mesmo assim, pesquisas confirmam que continuamos na lista dos países com maior taxa de analfabetos. E o problema, como já mencionado, é que o adulto que procura a escola não quer apenas aprender a ler e a escrever, ele quer e necessita é de atualização com o contexto social em que vive e faz parte, sanando uma dívida social a muito desejada por essas pessoas. Nesse sentido,

A educação de jovens e adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a ela e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido força de trabalho empregada na constituição de riqueza e na elevação de obras publicas. (CURY, 2000, p.5)

Porém, a vontade de estudar ou dar continuidade a seus estudos soma-se com o cansaço do dia a dia e as dificuldades de assimilação de conteúdos visto que estes alunos estiveram muito tempo longe da sala de uma escola e tendem a ser mais lentos no sentido de aprenderem um curto espaço de tempo, que lhe é oferecido pelo ensino da EJA. Mesmo assim para quem procura a escola mesmo que tardiamente, educação é o maior e melhor instrumento possibilitador de mudanças. Essa modalidade de ensino que vem sendo pautada no discurso historiográfico como forma de atendimento ao público apresenta defasagem idade-série, e que, por motivos culturais, econômicos, sociais, psicológicos, ou outros, não seguiu a sua trajetória normal de escolarização (SANTOS e VIANA *in* SOARES, 2011), através da educação o homem consegue compreender melhor a si mesmo e ao mundo em que vive, dessa forma, a própria educação deve ser a primeira a acompanhar o desenvolvimento e suas especificidades, ou seja, renovar e promover a interação com o novo.

O cumprimento de árduas horas de trabalho, aliado as responsabilidades do dia a dia, faz o aluno da modalidade EJA, abandonar a escola deixando para trás a possibilidade de uma maior e melhor formação profissional. A defasagem escolar nessa modalidade de ensino é

grande, segundo a Lei 9.394/96 art. 37 “a educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento”, dessa forma, mediante o que está previsto em lei, teríamos muito mais jovens e adultos dentro das escolas diminuindo o analfabetismo e a dificuldade de conseguir um emprego por falta de formação. Nos últimos anos como consequência do desemprego, e dos incentivos do Governo Federal, a busca pelo ensino profissional e técnico aumentou significativamente, fazendo muitos alunos migrarem para esses novos cursos para atender novas demandas do mercado. Nesse sentido, “pelo trabalho o homem efetua mudanças de forma natural, ao mesmo tempo efetiva o próprio objetivo” (OLIVEIRA e SILVA In SOARES, 2011). O jovem quer trabalhar, mas falta qualificação e oportunidades, principalmente a de concluir a educação básica e ter parcial domínio das novas tecnologias necessárias para o ingresso no mercado de trabalho.

De acordo com a LDB, art.37 “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidades de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria. Porém, atualmente a EJA não está somente beneficiando as pessoas que não tiveram acesso à escola na idade própria, mas beneficiando os jovens que necessitam trabalhar durante o dia, e buscam no ensino da EJA o intuito de conciliar trabalho e estudo.

O contexto cultural do aluno trabalhador deve ser a ponte entre o que a escola pode propiciar, evitando assim, o desinteresse. Os alunos esperam apreender mais conteúdos, não para se libertarem da opressão, mais para melhorar sua qualificação profissional (GADOTTI, 2003, p. 121)

A EJA tem um método de ensino que disponibiliza ao aluno a vontade de continuar seus estudos sem que isso interfira na sua vida profissional. Com isso é dever do professor desenvolver atividades que facilitem a aprendizagem desses alunos, otimizando o tempo disponível para esse fim e norteando os assuntos na direção do cotidiano dos mesmos. Nesse sentido, Lerner afirma que:

A aprendizagem dos alunos avança a parte de sucessivas reorganizações do conhecimento, o problema da distribuição do tempo deixa de ser qualitativo: não se trata apenas de aumentar o tempo ou reduzir os conteúdos, trata-se de produzir uma mudança na utilização do tempo didático (LERNER, 1996, p.)

Estas novas preocupações a cerca dos processos que conduzem a Educação de Jovens e Adultos vem se caracterizando por intensas adequações na condução metodológica e de inovações importantes nesse campo, conduzidas pelo destaque da reflexão sobre a condição

social dos alunos pelos esforços realizados nos mais diversos grupos em favor da educação da população adulta para a participação na vida política do país. Essas preocupações são pertinentes, pois segundo Dias *et al* (2011, p. 68), “exclusão de um direito acarreta uma série de outros prejuízos, tendo em vista que um sujeito pouco ou não escolarizado tende a ter menos oportunidade de emprego; menos participação social; desconhecer seus direitos como cidadão e lutar por eles”. Apesar das profundas transformações que ocorreram e estão ocorrendo nas políticas educacionais, pensar a escola nesse novo contexto, significa pensar na necessidade de rever continuamente o já sabido, reorganizando em novas bases todo o saber acumulado, a fim de potencializar a aprendizagem de forma significativa para esses estudantes. Salientamos que é importante, também, analisar o papel dos sujeitos da EJA, seus anseios, suas práticas pedagógicas, seus modos próprios de reinventar a didática cotidiana, desafiando-os a novas buscas e conquistas, como já sinalizara Paulo Freire, (2001) em suas ações educativas com Jovens, Adultos e Idosos.

2 O ENSINO DE GEOGRAFIA E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO FORMATIVOS DOS ESTUDANTES DA EJA

A Geografia deve ser trabalhada no ensino da EJA de maneira que relacione os conteúdos de acordo com o cotidiano do aluno, para que ele se recorde de acontecimentos de sua vida, despertando o interesse do mesmo de participar ativamente das aulas. É importante que o aluno busque compreender as transformações ocorridas no espaço em que ele vive e compará-las, buscando sempre relacionar passado e presente, visto da maneira dele.

No ensino de Geografia para EJA, é importante que o aluno observe, interprete e compreenda as transformações sociais espaciais ocorridas em diferentes lugares e épocas e estabeleça comparações entre semelhanças e diferenças relativas às transformações sócias espaciais do município, do estado e do país onde mora.

De acordo com o documento “Por uma proposta curricular para o 2º segmento da EJA” (s/n), o estudante adulto ou jovem deve participar ativamente da escolha do procedimento metodológico da construção de conhecimentos geográficos, valendo-se da cartografia como forma de representação e expressão dos fenômenos sócios espaciais como: a construção, leitura e

interpretação de gráficos e tabelas; produção de textos e da utilização de outros recursos que possibilitem registrar seu pensamento e seus conhecimentos geográficos.

Mesmo adquirindo domínio desses conhecimentos geográficos, isso não significa que, ao finalizar o Ensino Fundamental, ele terá se tornado um geógrafo, mas, de acordo como os PCN, o aluno precisa receber orientações favoráveis para ser conduzido a examinar um tema, a analisar e a refletir sobre a realidade, utilizando diferentes recursos e métodos da Geografia e valendo-se do modo de pensar próprio dessa disciplina. Para Straforini a geografia deve proporcionar:

A geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento.(STRAFORINI, 2004, p.51)

Para concretizar esse processo de trabalho com o aluno, é fundamental que seja traçada uma proposta de cunho interdisciplinar, onde coordenação pedagógica, o professor e alunos estudem e reflitam coletivamente, com áreas afins, para escolher o objeto de estudo que deve interessar os alunos da EJA e ampliar o conhecimento deles sobre a realidade. Sobre a interdisciplinaridade, os Fins afirmam que:

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados (BRASIL, 1999, p. 89).

É fundamental que no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos de EJA, sejam valorizados os conceitos e categorias da Geografia já apropriada por eles, estabelecendo um elo com as noções dos diferentes espaços conhecidos em seu cotidiano, priorizando sempre os acontecimentos de seu lugar de vivência. A partir de sua realidade, gradativamente e dialogando sobre os conhecimentos que obtiveram de modo informal com os saberes geográficos já adquiridos na escola, esses alunos poderão estabelecer ligações entre esse cotidiano e os diferentes espaços geográficos: local, regional, nacional e global.

Esses conhecimentos geográficos que os alunos da EJA já detêm, advindos da vivência diária, provenientes da escola da vida, irão contribuir para a sistematização e ampliação dos conceitos e noções necessários para ajudá-los a fazer a leitura e a análise do lugar em que vivem, a relacionar e a comparar o espaço local, o espaço brasileiro e o espaço mundial, ajustando a escola às demandas sociais atuais. Segundo Castogiovanni (2009, p. 16), esses alunos mediante o ensino de geografia recebido na escola, precisam ser capazes de “fazer a distinção entre o espaço da ação ou perceptivo e o espaço representativo: o primeiro se constrói em contato direto com o objeto, ou seja, através dos sentidos. Já o espaço representativo é construído na ausência do objeto, portanto é reflexivo”. Mediante a orientação desse pensamento, acredita-se que a representação dos segmentos espaciais é fundamental no processo de concentração do aluno facilitando a leitura do todo espacial.

Outro documento que dá suporte para entendermos os processos pelos quais o ensino de Geografia deve ser trabalhado, são os PCNs. Segundo esse documento, a Geografia enquanto disciplina da grade curricular do ensino básico estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem (BRASIL, 1998). O mesmo documento ainda afirma que as percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na leitura da espacialidade da sociedade, tendo em vista a construção de projetos individuais e coletivos que transformam os diferentes espaços em diferentes épocas, incorporando o movimento e a velocidade, os ritmos e a simultaneidade, o objetivo e o subjetivo, o econômico e o social, o cultural e o individual (BRASIL, 1998).

Os alunos da EJA, carentes de dinamicidade nas atividades inerentes ao ensino da Geografia, precisam entender que o espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia está em constante transformação, a geografia por ser uma ciência que estuda as relações entre o ser humano e o meio em que vive, deve estar em constante discussão por isso não deve ser tratada como uma disciplina decorativa, pois isso pode causar desinteresse do aluno pela disciplina, cabendo ao educador a responsabilidade de despertar no educando sua criticidade como afirma Freire:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educando a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis (FREIRE, 1996, p 13).

Nesse sentido as aulas precisam ser desenvolvidas em conjunto para que surjam discussões levando o aluno a desafiar e a questionar as ideias exposta pelo professor, para que o mesmo possa construir também suas argumentações e defender seu ponto de vista.

3CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

Oferecer aos jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência e jovens em conflito com a lei oportunidades de escolarização que aliem a educação básica em nível fundamental e médio e à educação profissional, é o objetivo da EJA enquanto modalidade de ensino. Está oportunizando ao aluno jovem ou adulto o desenvolvimento de competências e habilidades que propiciem a formação integral como cidadão e profissional. Na experiência de formação tida ao longo do Estágio Supervisionado I, na Escola Municipal Irmã Cristine, tivemos contato com essa modalidade de ensino, de forma significativa ao ponto de despertar o interesse de desenvolver a presente pesquisa.

Para alcançar esse objetivo, utilizamos uma abordagem dialética que segundo Oliveira (2008, p. 53) nos fornece os fundamentos para fazermos um estudo profundo da realidade pesquisada, “o método dialético requer um estudo da realidade em seu movimento, analisando as partes em constante relação com a totalidade” condições estas necessárias para essa investigação, o que ajudou a propor uma análise da realidade desses alunos que mediante a apresentação do projeto, mostraram-se disponíveis a fazer parte do mesmo.

Diante do exposto, apresentamos os resultados da pesquisa que teve como objetivo compreenderas dificuldades que interferem no aprendizado dos os alunos da EJA quanto ao ensino de geografia, e foi realizada com 30 alunos cursando do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental no turno noturno, bem como a observação na atuação do professor de geografia. Para a execução desta pesquisa realizamos um levantamento bibliográfico, a partir dos quais foram levanta da questões e técnicas mais apropriadas para a obtenção das informações.

O levantamento de dados foi realizado através de uma pesquisa qualitativa junto aos 30 alunos; onde mediante a autorização do professor foi aplicado primeiramente um teste diagnostico paradetctaro nível de aprendizagem desses alunos com relação ao ensino de Geografia. Após a análise desse teste, que demonstra um baixo rendimento na disciplina, pode-se

construir um novo questionário a fim de identificar os fatores que colaboram com a aprendizagem em Geografia e os que têm contribuído com suas perspectivas para dar continuidade de seus estudos. Para tanto, os formulários continham 10 perguntas fechadas, aplicadas para alunos jovens (15 a 20 anos) e alunos adultos (21 a 40 anos). A utilização desse critério serviria para identificarmos se as dificuldades ou perspectivas variavam de acordo com a faixa etária dos alunos investigados. A análise de dados foi feita através da ordenação das informações obtidas. A classificação dos dados resultou na análise final dessa pesquisa.

3.1 Educador da EJA: um profissional em busca de alternativas

Ser professor é encarar o desafio de ensinar, aprender, buscar soluções e alternativas para ensinar. No estado do Amazonas, apesar dos avanços em vários setores, o esforço do estado para melhorar a educação e acabar com o analfabetismo, ainda está aquém do desejado, encontramos muitas pessoas sem saber escrever o próprio nome. A educação de jovens e adultos surgiu como alternativa para essas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar quando mais jovens. Ao observarmos a atuação do professor, percebemos que este apesar de ter experiência no magistério e ter boa vontade para trabalhar com esse público, sente dificuldades para realizar seu trabalho e justifica essa situação dizendo: *“que por ser graduado em matemática sente dificuldades em alguns conteúdos de geografia”*, precisando de um empenho maior para ministrar essa disciplina.

Outro agravante encontrado pelo professor é a diferença de idade. Os alunos mais idosos apesar de serem mais interessados, possuem maior dificuldade de aprendizagem, sendo necessário um empenho dobrado para que estes possam ter entendimento sobre os assuntos trabalhados. Já os alunos mais novos, tem maior facilidade de aprendizagem porém, são menos interessados e mais faltosos, o que compromete o trabalho na turma.

Para conseguir chamar a atenção dos alunos e dinamizar as aulas, o professor utilizava o livro didático a fim de desenvolver as leituras, explicações e exercícios quando afirma: *“o livro no momento é o unico recurso que temos, apesar da escola possuir televisão e DVD, estes não são usados em virtude do pouco tempo disponível para as aulas”*. Diante desse depoimento, percebemos a falta de um bom planejamento capaz de orientar o professor a otimizar o tempo,

com atividades e recursos diferenciados que possam atrair a atenção dos alunos e consequentemente contribuir com a aprendizagem. Cavalcante (2012) quando trata sobre os materiais de apoio ao professor, diz que os livros didáticos e outros materiais de apoio ao professor, em princípio, precisam apresentar uma proposta de temas a serem trabalhados de modo articulado e sequencial, em cada um dos anos escolares, coerentes com os pressupostos teóricos e metodológicos do autor ou dos autores que, por sua vez, procuram seguir, as orientações curriculares da política oficial, para dar apoio ao professor, o qual não deve seguir à risca pois muitos não estão ligados a realidade do aluno.

Diante disso, percebemos que faz-se necessário encontrar outras formas de chamar a atenção desse público como por exemplo iniciar os assuntos contextualizando-os ou trabalhando-os de forma interdisciplinar. Os temas estudados em Geografia estão presentes em nosso dia a dia e precisam ser contemplados pelo o que está sendo estudado. Para sustentar esta fala cito Paulo Freire quando diz que:

Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas nos procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos a aquela cotidianidade. O que acontece, no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos, trabalhadores urbanos e rurais reunindo-se para rezar e discutir seus direitos, nada pode escapar a curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da educação popular, (FREIRE, 2001, p.16)

É neste momento que podemos ver a figura desse professor que com sua sensibilidade procura e encontra uma metodologia capaz de ensinar, apesar dos desafios como a falta de valorização do professor, baixos salários e ambientes de trabalho com pouca estrutura, saber que fazer diferente é possível. Mesmo assim, o professor apresenta mais um agravante que de certa forma influencia em seu trabalho, quando se refere a necessidade de ter aceito essa turma com o objetivo de completar sua carga de trabalho. Ele declara: *“no turno matutino, trabalho matemática com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental e pra complementar a carga, tive que aceitar a trabalhar com uma turma da EJA a noite”*. Porém, ele sabe que trabalhar com alunos EJA, apesar das dificuldades é ter uma postura dinâmica, adentrar o mundo de seus alunos, compreender suas dificuldades e buscar ou criar meios para ensiná-los.

Toda experiência de vida trazida por esses alunos precisa ser valorizada, pois os mesmos trazem uma história a qual o professor não pode ser indiferente. Essa busca por

alternativas se dá quando o professor utiliza de métodos que possam contribuir e ajuda-los a vencer o sono e o cansaço vivido no dia a dia. Para isso o livro didático não pode ser sua única ferramenta, é necessário ir além da proposta curricular, e levá-los a compreensão do assunto estudado.

Quanto à postura do professor, Guidelli (1996) diz que a educação de jovens e adultos vem sendo vista como uma modalidade de ensino que não exige de seus professores, estudo e nem especialização. Devido a isso, são raros os educadores que para atuar na EJA buscam estar capacitados na área, assim a Educação de Jovens e Adultos é repassada a qualquer professor que necessite completar sua carga horária. Com isso essa modalidade de ensino é posta muitas vezes na responsabilidade de professores que não buscam uma formação específica que atendam as necessidades desses alunos.

3.2 Alunos da EJA: a busca por uma realização tardia

A Educação de Jovens e Adultos – EJA - é uma modalidade de ensino que diante da realidade brasileira vem ocupando seu espaço na dinâmica dos processos educativos. Muitos questionam sua eficácia quando analisam os índices de aproveitamento dos alunos ou os índices de evasão escolar nesses cursos. Historicamente, no Brasil, essa modalidade de ensino foi encarada como apêndice de programas e campanhas de governo, mas atualmente exige uma discussão mais ampla. Em Parintins, essa realidade não é diferente.

O aluno jovem-adulto está procurando a escola, ele reivindica um direito constituído pela Lei 9.394/96. Mas quem são esses alunos em especial do município de Parintins, mais especificamente os 30 alunos que participaram dessa pesquisa? De onde eles vieram? Quais os fatores que os levaram a procurar a escola tardiamente? Quais as dificuldades que o curso enfrenta? Quanto ao ensino de geografia, quais suas expectativas?

Para obter a resposta a esses questionamentos, foi necessário fazer alguns questionamentos aos alunos para que posteriormente pudéssemos analisar e identificar o seu perfil. Identificamos que 20 alunos estão na faixa etária de 15 a 20 anos e 10 alunos estão na faixa etária de 30 a 40 anos. A maioria dos alunos é jovem, isso ocorre pelo fato que atualmente os alunos a partir dos 15 anos não podem mais ser matriculados no ensino regular por constituírem uma distorção idade-série. ARELARO e Kruppa (2007, p.96) analisam essa questão e aponta.

[...] como “iniciativa” para resolver os problemas de distorção série/idade, projetos de regularização do fluxo escolar levados às últimas conseqüências não permitem mais a matrícula de nenhuma criança no ensino regular com mais de dois anos de defasagem idade-série “ideal”. Alguns sistemas educacionais vêm adotando, inclusive, a prática da matrícula compulsória de jovens maiores de 14 anos de idade.

Nesse contexto, cabe ao professor saber identificar as particularidades de seus alunos, para que assim ele desenvolva suas praticas pedagógicas de maneira que atenda a necessidade de todos os alunos. É preciso saber lidar com diferentes situações, pois a maioria desses jovens possui uma história de vida muito distinta dos jovens de sua idade, já possuem sua própria família e a responsabilidade do aluno adulto, porém não consegue lidar com as diversidades sala na aula. Outro dado importante detectado pela pesquisa é que dos 30 alunos 10 trabalham fora de casa e 20 trabalham apenas em casa, 16 tem filhos e 14 não tem filhos. Esses dados foram importantes quando analisamos os fatores que os levaram a entrar na escola tardiamente.

Quando solicitamos informações sobre sua origem, identificamos que estes são jovens e adultos em sua maioria provenientes da Zona Rural ou de outros municípios vizinhos que migraram para Parintins em busca de melhores condições de vida, estudo e trabalho. Geralmente habitam em bairros periféricos, que por motivos tais como: permanentes repetências na idade escolar, falta de escola (principalmente na zona rural), necessidade de trabalhar precocemente para ajudar no sustento da família, falta de valorização do ensino, falta de incentivo da família, etc. não concluíram o estudo em tempo hábil. Devemos lembrar que existem outras reivindicações feitas por essas pessoas por meio da inserção na escola, que se impõem no mundo contemporâneo, como por exemplo, “o resgate da dignidade do ser humano, a igualdade de direitos, a recusa de formas de discriminação, a importância da solidariedade e a capacidade de vivenciar as diferentes formas de inserção sociopolítica e cultural” (FREIRE, 2001, p. 72).

Ao serem questionados sobre a escolha do curso, citam que é por ser um curso de curta duração, com a possibilidade de ser concluído em dois anos. Para muitos, concluir os estudos é abrir uma possibilidade de conseguir um emprego, visto que hoje em dia para conseguir uma

vaga em qualquer profissão, seja em uma empresa pública ou privada é exigido um currículo em que seja apresentado o grau de instrução do candidato. Em suas falas, expressões como: *não consigo emprego; a vida está difícil pra quem não tem estudo ou preciso encontrar um trabalho melhor*, são constantes. Porém, essas falas expressam o desejo dos alunos com mais idade e que se encontram fora do mercado de trabalho formal.

Quando perguntados sobre o que era para eles voltar a sala de aula, com unanimidade, os alunos disseram que *estavam felizes em poder voltar a escola pois viam na educação uma porta aberta para mudarem suas vidas*, apesar de relatarem que enfrentavam uma série de dificuldades para estar na escola todos os dias. E entre as dificuldades estava o cansaço pela vida do trabalho, pois a maioria são pais de família que durante o dia têm que trabalhar para sustentar seus filhos.

3.3 Relações professor/aluno e visões sobre EJA

Durante a pesquisa os alunos puderam expor a visão deles com relação às aulas ministradas pelo professor onde foi detectado que a maioria dos alunos não aprova a metodologia usada pelo professor, pois ele usa apenas o livro didático, eles aprovam as aulas expositivas e dialogadas, porém, sugerem que as aulas poderiam ser mais dinâmicas e menos cansativas. Eles solicitam ao professor o uso de exemplos do cotidiano.

Ao analisar as respostas percebe-se que mesmo os alunos relatando que têm um relacionamento embasado no respeito mútuo com o professor, descrevem uma aula monótona, pois a maioria respondeu que o professor usa apenas o livro didático, e não se propõe a trabalhar uma aula de Geografia utilizando meios capazes de tornar uma aula dinâmica com jogos, brincadeiras, confecção de material didático, usando objetos disponíveis nas casas dos alunos, dizem que *“assim o professor aproximaria os alunos de sua realidade”*. Durante o estágio, foi perceptível que muitos jovens apenas folheavam o livro e grifavam quando o professor dizia que seria assunto de prova.

A Geografia não deve ser vista como uma disciplina simplesmente decorativa a qual o aluno estuda somente para passar de ano, e sim como uma disciplina que o aluno se identifique a cada momento, pois ela está intimamente ligada ao seu cotidiano podendo ser explorada pelo professor em todos os aspectos, podendo levar o aluno a conhecer melhor o lugar em que vive.

Castogiovanni (2009, p. 84), afirma que “estudar e compreender o lugar, em Geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais ou humanas”. Pois é necessário que o aluno entenda primeiramente o lugar em que vive, para que posteriormente o professor possa introduzir a realidade de diferentes espaços, despertando assim o interesse do aluno pelo que está sendo estudado.

O quadro 1 dá um panorama das expectativas dos alunos sobre a modalidade de ensino EJA.

Expectativas sobre a EJA	Alunos(15 a 20 anos)	Alunos de (21 a 40anos)
Concluir o curso num tempo mais curto	sim	sim
Conseguir um bom emprego e mudar de vida	não	sim
Entrar na universidade	sim	não
Ser valorizado em suas experiências e conhecimentos.	não	sim
Não ser considerado um aluno atrasado	não	não
Valorizar suas experiências e suposições e relacionar essa sabedoria aos conceitos teóricos.	não	sim
Ter direito a aulas mais atrativas e dinâmicas para dar mais vontade de ir à escola	sim	sim
Dialogar sempre, com linguagem e tratamento adequado a faixa etária.	sim	sim
Nem sempre as aulas de Geografia são atraentes	sim	sim
Ser questionado sobre o conteúdo e a opinião deles a respeito dos temas geográficos antes de abordá-los cientificamente.	sim	sim
Fazer entender que a disciplina Geografia possibilita educar jovens e adultos para uma atitude política e, por isso, ela deve estimular o exercício a cidadania.	sim	sim

Quadro 1:Panorama das expectativas dos alunos sobre a modalidade de ensino EJA.

Fonte: Silva, 2012

O quadro mostra que diferentemente dos alunos que estudam no ensino regular, os alunos da EJA possuem menos tempo para estudar, pois os mesmos em sua maioria são obrigados há dividirem seu tempo com trabalho, estudo e família. Porém, mediante aos questionamentos que geraram as respostas apresentadas no quadro acima, verifica-se a crescente procura dos jovens e adultos pela escola, mesmo que ao longo do ano, em uma análise mais detalhada, percebamos que as salas de aulas esvaziam-se, comprovamos que quem procura por essa modalidade de ensino são os trabalhadores que se sentem desafiados a buscar melhor qualificação para o

trabalho, no sentido de incorporar uma quantidade maior de conhecimentos decorrentes da educação mais formal.

No entanto, sabe-se que atualmente, com o desenvolvimento tecnológico, e a quantidade de conhecimentos acumulados, torna-se uma exigência do mercado a busca por uma melhor qualificação, porém, é importante que a EJA não sirva somente de ponte para o mercado de trabalho, como exigência econômica, mas seja capaz de reconhecer o direito e o dever à educação de todos os cidadãos. Encarar o trabalho com responsabilidade envolve percebê-lo como característica inerente à realidade existencial de um ser humano em simultaneidade não apenas com os outros homens e mulheres, mas também com a natureza. (SOARES, 2011, p. 212). Por isso, para que essa modalidade de ensino continue existindo para atender as necessidades de quem não teve a oportunidade de adentrar a escola em tempo hábil, esforços dos órgãos competentes, escola e professores devem juntar-se para que muito mais do que preparar o aluno para o mercado de trabalho, a educação de jovens e adultos sirva para dar oportunidade de continuação de seus estudos, permitindo abarcar processos formativos diversos, que visam desde a qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política, ética, cidadã até outras dimensões que não se restringem ao espaço escolar e que venha contribuir com toda sociedade.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Ao logo da pesquisaintitulada “Fatores determinantes no ensino- aprendizagem em Geografia: modalidade EJA” desenvolvida na Escola Municipal Irmã Cristine, foi possível constatar que a educação de jovens e adultos é pessoas que foram privadas de conhecimentos teóricos no passado, porém ao retornarem para a escola, esses alunos já dispõem de conhecimento de vida, e essas experiências são fundamentais para a continuidade de seus estudos, visto que os alunos adultos descreviam uma vida sofrida, mas junto com esses sofrimentos eram perceptíveis a vontade de ter uma vida melhor no futuro.

Foi possível constatar que a vontade de estudar ou dar continuidade a seus estudos somava-se com o cansaço do dia a dia, e esse fato interferia na assimilação de conteúdos, pois,

devido esses alunos estarem muito tempo longe da sala de aula, apresentam lentidão ao assimilarem os conteúdos repassados pelo professor.

Quanto aos alunos jovens, eles descreviam apenas a vontade de concluírem o curso em um curto espaço de tempo, pois estes em sua maioria são oriundos de muitas repetências, e que foram obrigados a ingressar nessa modalidade de ensino para alcançar o ensino médio na idade certa.

Foi observado que esses alunos ainda passam por muitas dificuldades, apesar da EJA disponibilizar muitas flexibilidades, porém a escola ainda não apresenta incentivos para que o aluno permaneça na sala de aula, verificou-se a ausência de interesse dos alunos pela disciplina Geografia, pois, foi possível detectar que muitos alunos não apresentam bom rendimento na disciplina, e isso ira comprometê-lo nas séries seguintes.

Outro fator que contribui para a não permanência desses alunos na sala de aula é a falta de uma complementação na metodologia usada pelo professor, pois este usava apenas o livro didático e não alcançava a atenção de todos os alunos, Isso ocorria devido esses alunos necessitarem de aulas dinâmicas, que se desperta a participação dos mesmo. Porém foi possível compreender também a realidade do professor, pois por não apresentar formação em Geografia, o mesmo encontrava dificuldades de repassar os conteúdos para os alunos.

Ao fazermos a análise da pesquisa identificamos que é preciso que o professor do Ensino da EJA esteja sempre em busca de formação, para que o mesmo possa transmitir conhecimento de maneira que instigue o aluno a continuar seus estudos, devendo repassar a importância da busca por conhecimento, não somente preparar para o mercado de trabalho, mas sim para a aceitação e valorização desses individuo na sociedade. Diante disso, é necessário que o educador da EJA fundamente suas práticas a partir da compreensão da realidade do aluno, para contribuir coma permanência dos mesmos na escola e que os alunos vejam essa oportunidade de continuação de seus estudos, como uma nova chance de mudança de vida, não somente financeira mais de igualdade na sociedade.

REFERENCIAS

ARELARO; Lisete; KRUPPA, Sônia Maria Portella. A Educação de Jovens de Adultos. In: **Organização do Ensino NO Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB**. 2. Ed. São Paulo :Xamã editora, 2007.

BRASIL. Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Diário Oficial da União. N. 248, 23 dez. 1996.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer n. maio 2000. Brasília, 2000.

BRASIL. MEC/SEF **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e dos Desportos. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília, 1999. Parte I, II e III.

CAVALCANTE, Lana Souza. **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas: SP Papiros, 2012.

CASTROGIOVANE, Antônio. (org.). **Ensino de Geografia: praticas e textualização no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.176p.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**; Processo nº 230001.0000 40/2000-55, parecer CEB nº11/2000, aprovado em 10.05.2000

FREIRE, A. M. A.. (Org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. (Série Paulo Freire).

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI. Moaci. **Boniteza de um sonho: Ensinar e aprender com sentido**. B Novo Hamburgo: FEEVALE, 2003.

GARCIA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Ed. 1999.

GUIDELLI, Rosangela Cristina. A prática pedagógica do professor do ensino básico de jovens e adultos: desacertos, tentativas, acertos... São Carlos, 1996. Dissertação (Mestrado) – UFSCar.

LERNER, Délia. “**É possível ler na escola?** ”. In. Revista lectura y vida, 1(17). Buenos Aires 1996

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SAMPAIO, Narcizo, Marisa, ALMEIDA, Souza, Rosilene(orgs).**Praticas de Educação de Jovens e Adultos:Complexidades, Desafios e Propostas**. Belo Horizonte.Autêntica Editora, 2009.

SOARES. Leôncio (org). **Educação de Jovens e Adultos: O que revelam as pesquisas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.